

O USO DA TÉCNICA DA ENTREVISTA VIVA EM UMA COOPERATIVA DE CATADORES DE PAPEL, NA REGIÃO DE SOROCABA, SP.

Profa. Dra. Marla da Penha Costa VASCONCELLOS*
Prof. Dr. Sergio Nagib SABBAG**

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as vivências do pesquisador na realização da pesquisa social com trabalhadores desempregados, que participam da estruturação do trabalho em sistema cooperativado, através da técnica de entrevistas de histórias de vida. Estes trabalhadores vivem um contexto de alterações nas relações do trabalho, na sociedade como um todo e em suas vidas particulares. O artigo sugere que sejam analisados com atenção aspectos do relacionamento pesquisador - pesquisado, valorizados sentimentos e formas de comunicação não verbais, em busca de um conhecimento caracterizado por uma síntese composta pelas impressões do pesquisador, pelos depoimentos, outras comunicações dos pesquisados e pelo conhecimento acumulado das ciências

(*) Psicóloga e Professora Doutora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

(**) Psicólogo, Professor Doutor e Pesquisador.

sociais, formando uma nova globalidade. Para isso, é fundamental o preparo do pesquisador e a estruturação de roteiros de entrevista abertos.

Palavras-chave: Desemprego; Relações do Trabalho; Entrevistas; Metodologia Qualitativa; Histórias de Vida.

INTRODUÇÃO

A técnica da entrevista viva, comumente utilizada com o uso do gravador, foi definida por Pereira de Queiroz (1953) como uma forma de registro de dados e análise qualitativa, útil sobretudo para o psicólogo e o sociólogo. No contato com fenômenos sociais e no estudo do comportamento humano, a escolha desta técnica se dá sobretudo pela informação viva que traz sobre as experiências dos sujeitos pesquisados.

No caso dos trabalhadores desempregados, articulados ou na busca de articulação em cooperativas como forma de enfrentamento do desemprego, parece-nos altamente adequada, haja vista a força das vivências e a rapidez como a busca da sobrevivência impõe uma alteração nas representações sociais dos trabalhadores. Um trabalhador, pela dispensa ou perda de um emprego estável em uma grande indústria, é levado a rapidamente readaptar-se como autônomo, ambulante, empregado em uma empresa de menor porte ou em uma cooperativa, esta última foco de nossa análise.

Singer (1998), define o trabalho cooperativado como uma das formas viáveis da luta pela sobrevivência e de trabalho em grupo. Para muitos trabalhadores, o trabalho cooperativado caracteriza-se como um fato novo, já que muito frequentemente o trabalho como empregado assalariado foi a única experiência deste trabalhador.

Castel (1998), diz que “o trabalho é mais que o trabalho e, portanto, o não trabalho é mais que o desemprego.” “Mas o desemprego é apenas a manifestação mais visível de uma transformação profunda da conjuntura do emprego. A precarização do trabalho constitui-

lhe uma outra característica, menos espetacular porém ainda mais importante, sem dúvida.”

Harvey (1992), diz que “no*ocidente, ainda vivemos uma sociedade em que a produção em função de lucros permanece como o princípio organizador básico da vida econômica”.

Neste universo de transformação das relações de trabalho, as entrevistas realizadas enfocam trabalhadores que, em certo momento de suas vidas, participaram de estruturas de trabalho formal, com carteira assinada e que, neste momento de suas vidas, procuram estruturar-se no trabalho cooperativado. A cooperativa está em formação, portanto, as representações estão em transformação constante, tanto na vida do trabalhador individualmente quanto pelo esforço coletivo de criar uma estrutura nova.

Como define Antunes (1998), o trabalhador pode ter um trabalho estruturado no centro do sistema capitalista, como ocorre com alguns; trabalho precário com pouca estabilidade e condições de trabalho inadequadas, como ocorre com outros; e mais na periferia do sistema, com trabalho eventual e mais precarizado, como para tantos outros. Diz: “A periferia da força de trabalho compreende dois subgrupos diferenciados: o primeiro consiste em empregados em tempo integral com habilidades facilmente disponíveis no mercado de trabalho, como pessoal do setor financeiro, secretárias, pessoal das áreas de trabalho rotineiro e de trabalho manual especializado. Esse subgrupo tende a se caracterizar por uma alta rotatividade no trabalho. O segundo grupo situado na periferia oferece uma flexibilidade numérica ainda maior e inclui empregados em tempo parcial, empregados casuais, pessoal com contrato por tempo determinado, temporários, subcontratação e treinados com subsídio público, tendo ainda menos segurança no emprego do que o primeiro grupo periférico.”

Lima (1996) descreve: “..... o mercado como dividido em setor primário e secundário. O setor primário seria composto por empregos estáveis, altos salários, alta produtividade, avanço tecnológico, empresas organizadas hierarquicamente, qualificação no trabalho,

hábitos de trabalho. Seriam as grandes empresas com alta relação capital/produtividade e sindicatos fortes. O setor secundário, ao contrário, seria caracterizado por empresas concorrenciais, menores, menos capitalizadas, com alta rotatividade de mão de obra, baixos salários, más condições de trabalho, baixa produtividade, e baixo padrão tecnológico e organizacional.”

Ainda Lima (1996), referindo-se ao denominado “mercado informal de trabalho”: “A grande dimensão das atividades informais na região (-refere-se ao estado de Pernambuco, foco de seu estudo-), torna esses índices insuficientes para caracterizar o problema do desemprego, que assume caráter estrutural, implicando subemprego, subremuneração e sub utilização da força de trabalho. O setor informal, embora caracteristicamente composto por trabalhadores de baixa renda, à margem do mercado de trabalho formal, migrantes e parcela flutuante de desempregados da indústria e de outros setores, atingidos pelas constantes crises econômicas, e que nem sempre conseguem retornar ou pelo menos demoram, a recuperar um emprego no setor formal – agrega serviços variados realizados por trabalhadores com diferentes graus de qualificação que abrem pequenos negócios atraídos pela autonomia e controle que o próprio trabalho propicia.”

Antunes (1998), fala do “aumento das formas de subproletarização, através do aumento dos trabalhadores parciais, precários, temporários, subcontratados, etc.” Descreve as alterações nas relações e no mercado do trabalho: “Há portanto mutações no universo da classe trabalhadora, que varia de ramo para ramo, de setor para setor, etc. Desqualificou-se em vários ramos, diminuiu em outros, como no mineiro, metalúrgico e construção naval, praticamente desapareceu em setores que foram inteiramente informatizados, como nos gráficos, e requalificou-se em outros, como na siderurgia.”

Braverman (1980), ao analisar a estrutura da classe trabalhadora e seus exércitos de reserva, diz: “Aqueles indústrias e processos de trabalho sujeitas a mecanização liberam massas de trabalho para exploração em outras, em geral menos mecanizadas,

áreas de acumulação de capital. Com as repetidas manifestações deste ciclo, o trabalho tende a acumular-se nas indústrias e ocupações que são menos suscetíveis de aperfeiçoamento na engenharia de produtividade do trabalho..... Vemos na indústria capitalista uma tendência secular ao acúmulo de trabalho naqueles segmentos da indústria e do comércio menos afetados pela revolução técnico-científica: o setor de serviços, vendas e outras formas de comercialização e trabalho escritorial na medida em que não sejam mecanizadas.

Um outro desafio faz parte da proposta deste artigo. Sugere que estes novos fatos não se colocam apenas para o trabalhador, mas também para o pesquisador. Para esse, talvez o desafio seja ainda maior, pois além de ter sua formação numa perspectiva na qual os trabalhadores são preparados para relações de trabalho como empregados, se vê como pesquisador também inserido em uma grande estrutura, e que deverá repensar como abordar por exemplo, uma grande universidade. Desse modo, tanto pesquisador quanto pesquisado têm semelhanças e, além disso, vivem os contrastes entre as suas realidades de vida. O pesquisador com uma formação acadêmica, longe do trabalho braçal, formado para cumprir passos na aprendizagem e seguir os rigores da metodologia científica. O pesquisado com uma formação prática, o trabalho braçal, cobrado a cumprir tarefas e metas, de acordo com a estrutura empresarial.

Estas reflexões partem da realização de duas entrevistas com trabalhadores inseridos no contexto da busca da articulação de uma cooperativa de catadores de material reciclável, tendo sido anteriormente trabalhadores em grandes indústrias.

Foram adotados procedimentos relacionados à preservação da ética em pesquisa, com os trabalhadores sendo consultados sobre sua concordância em participar da pesquisa, sobre o uso do gravador e colocando-se o pesquisador à disposição antes, durante e depois das entrevistas para elucidar questões e atender a necessidades derivadas da pesquisa, além da possibilidade de desistência a qualquer tempo e anulação dos depoimentos.

Os trabalhadores entrevistados fazem parte do contexto descrito anteriormente, provavelmente situados bem na periferia do sistema. O conhecimento desta realidade é um desafio para o qual o método deve ser adequado e o mais preciso possível, envolvendo o conhecimento do mercado de trabalho e as questões relativas à relação pesquisador-pesquisado, com a presença de aspectos subjetivos do pesquisador.

O entrevistador, a mesma pessoa nos dois casos, percebe-se com uma auto imagem de grande abertura perante os fenômenos e a vivência do desemprego, bem como com flexibilidade perante a necessidade de uma nova postura dos trabalhadores frente a realidade.

A postura do pesquisador, portanto, segundo sua auto percepção, é de sintonia e abertura para com este contexto. Durante a realização e análise das entrevistas, contudo, a percepção foi sendo outra, e esta é a temática principal deste artigo.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na análise das duas entrevistas, um dos aspectos foi a grande dificuldade de estabelecer-se uma comunicação entre pesquisador e pesquisados, com maior profundidade, harmonia e equidade. O relacionamento foi muito bom, mas caracterizado pela superficialidade, pela existência de conflitos e falta de equidade entre pesquisador e pesquisado. O exame posterior da gravação permite formular algumas hipóteses sobre este relacionamento, como vemos a seguir:

A. é ex-empregado de uma grande indústria. Seu depoimento reflete a dificuldade de adaptação à condição de subemprego e de ser um dos envolvidos na construção de uma nova cooperativa. A. diz: "Saí de lá porque fechou (a seção), senão tinha aposentado lá". Sua voz é baixa e a descrição é lenta durante toda a entrevista. O pesquisador tem a tendência a fazer perguntas simples, porém mais intelectualizadas.

As respostas do pesquisado parecem sinceras, porém lentas e mostram certa resistência.

Pereira de Queiroz (1991⁴), destaca a necessidade do pesquisador ter uma preparação especial com relação ao problema que aborda, com a formulação prévia do problema, a escolha do informante, entrevistas que sejam o mínimo artificiais, narrativa livre e o tempo adequado para a entrevista. Diz que toda história de vida não é apenas um fato cronológico de acontecimentos, mas traz em si a riqueza de sentimentos, opiniões e atitudes da pessoa que a relata.

O relacionamento pesquisador-pesquisado é adequado, o envolvimento de A. com a proposta de cooperativa também, mas o emprego anterior tem um papel importante como algo desejado e não mais acessível. Demonstra o momento do trabalhador e a caracterização do momento de transição empregado-desempregado-cooperativado.

Harvey (1992), referindo-se às transformações no mundo do trabalho, diz: “o mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante de uma forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis.”

O entrevistado relata uma alteração no seu trabalho, associada a estas transformações estruturais, cuja percepção evidentemente não é clara para o entrevistado, assim como de difícil percepção e compreensão para o pesquisador.

A. expressa uma certa dependência com relação ao álcool. Diz: “Gosto de tomar uma pinguiha”. Ao ser questionado sobre o sono, diz que é bom, mas que quando não bebe, tem insônia. Com referência à vida familiar, descreve como tendo esposa e quatro filhas de 7 a 17 anos. As filhas não estudam, nem trabalham, passam muitas noites fora de casa, o que A. atribui às dificuldades em lidar com filhos. Estes dois

aspectos descritos, mobilizam no pesquisador a sensação de “fuga da normalidade”. As “pinguinhas” como um alcoolismo crescente (sem nenhuma comprovação disso) e o comportamento das filhas como provável contato com o mundo da marginalidade e da prostituição (também sem nenhuma comprovação disso). Como enfrentamento da ansiedade do entrevistador, este tem a tendência a repetir as perguntas, muitas vezes com o mesmo conteúdo. Como gratificação à resposta do entrevistado, aparece muitas vezes a expressão “certo!” ou “certo, certo!”, que pode ser interpretada como uma confirmação a algo enquadrado, a uma resposta esperada ou correta.

Kosminsky (1999), destaca a questão da subjetividade do pesquisador; enfoca-se a transcrição da entrevista não estaria deturpando a narração pelo entrevistado. Ao citar Pereira de Queiroz (1991), diz que o pesquisador desde o início da coleta do material comanda a atividade através de seus interesses específicos. Mais tarde no recorte do material de acordo com o seu interesse continuará a comandar o processo de pesquisa.

Neste caso, coloca-se a questão: o pesquisador percebendo que inconscientemente tem uma tendência a enquadrar estes conteúdos e, através de sua postura, realizar um papel censurador, como ter acesso a um material tão rico? A percepção deste papel, coloca em alerta o pesquisador e o mobiliza para uma postura de menor preconceito e maior abertura.

Referindo-se às pessoas que começaram a participar no início da cooperativa e depois desistiram de continuar, A. diz: “Ele participou no começo, mas depois queria fazer render só para ele; o H. (coordenador do grupo de iniciadores da cooperativa) disse: Assim não dá, e ele não continuou”. O que para o pesquisado parece ter sido uma situação de definição de papéis, com as pessoas decidindo a participação ou não na futura cooperativa, para o pesquisador traz uma sensação de preocupação, na linha de que cooperados não deveriam brigar, não poderiam ter conflitos desagregadores e que fossem contra a idéia do cooperativismo.

Este relato demonstra as ansiedades presentes na relação pesquisador-pesquisado, com expectativas mútuas e provavelmente mútuas frustrações. A cooperativa e os cooperados deverão conviver com estes vários conflitos, inerentes à condição de cooperação e de trabalho em grupo. Para o pesquisador existe a necessidade de uma postura menos ansiosa diante deste papel e a condição de conviver com os aspectos dinâmicos deste tipo de organização.

Segundo Sato (1999), a construção de cooperativas se dá a partir da concepção de organização como um processo social dinamizado por negociações, com um processo que envolve movimentos de cooperação e confrontação. Como um processo social, a organização é sempre interação e por sua vez os conflitos são inerentes a esta interação.

Perguntado sobre o futuro, A. manifesta a ausência de perspectiva: “Não tenho idéia de futuro”. Para o pesquisador isso gera maior preocupação: Como pode alguém não ter noção do seu futuro?

Por outro lado quando A. diz que almoça em casa, o pesquisador reage com espanto: Como consegue alguém que trabalha fora almoçar em casa? Isso imediatamente é entendido como provável manipulação (A. é o motorista do veículo da cooperativa – uma camioneta), já que tem autonomia para criar rotas e colocá-las em prática. Já os outros cooperados, comem lanche. Também A. consome salgados em bares, o que demonstra uma certa capacidade de autonomia perante o trabalho – parar ou não em um bar – quem sabe atrelado ao hábito de beber. Para o pesquisador fica a questão: os outros teriam esta opção?

Novamente aparecem os contrastes entre os comportamentos e as expectativas dos pesquisados e do pesquisador. A noção da vida mais imediatista, com ausência da idéia de futuro, assim como a caracterização de um comportamento muito individualizado em contraste com os comportamentos que seriam desejáveis no trabalho cooperativado. A questão que permanece é como a cooperativa terá sua evolução e como esses comportamentos poderão ou não ser incorporados de

forma positiva. Poderá a cooperativa “sobreviver” à existência de hábitos pessoais bastante característicos? Será necessária uma maior unidade de comportamentos ou poderá o trabalho de grupo compartilhar com estas características individuais dos cooperados?

Para o pesquisado, a compra de uma propriedade seria uma garantia de segurança; lamenta o fato de ter vendido um terreno anos atrás. Também o guardar dinheiro é a garantia de um futuro, apesar de quase impossível em sua condição. Para o pesquisador, fica a idéia: como manter uma propriedade sem dinheiro? e como ter esta propriedade sem condições de poupança?.

Enfim, todos estes contrastes mostram as diferenças de valores e de contexto de vida entre pesquisador e pesquisados, porém em um plano de grande predisposição para a comunicação por parte de ambos. Constatamos também, o quanto permanecem os valores de segurança, característicos da fase anterior como empregado. Não há, por exemplo, nenhuma idéia de como a cooperativa sendo uma propriedade coletiva pode dar segurança.

F. é outro trabalhador que participa do processo de criação da cooperativa. Veio do meio rural, trabalhou em indústrias, morou em várias cidades. Atualmente mora em um anexo da casa do irmão e é solteiro. Frequenta uma igreja neopentecostal. Suas respostas são quase sempre reticentes. Fala em um tom bastante baixo e demora em suas descrições; pensa muito ao falar. Apesar disso tudo, a comunicação é boa e o pesquisador sente-se à vontade. Suas colocações dão condições ao pesquisador de aprofundar a busca de dados, realizar uma pesquisa sobre sua vida. O seu discurso reticente é demonstrado pela resposta à pergunta sobre família: “Solteiro”. Perguntado se existia um motivo para não ter se casado, diz: “Uma vez eu me interessei por uma moça, quis namorar, mas o pai dela não deixou continuar. Estava saindo com ela, mas um dia fui à sua casa e ela não saiu, porque o pai não deixou, então desisti”.

Sua desistência reflete, ou gera como consequência, uma “desistência” com relação à vida de um modo geral, especialmente com

relação ao trabalho. A postura de distanciamento da sociedade formal, do emprego fixo, tão desejado, mas ao mesmo tempo tão afastado e tão recusado. Fica a questão: será a cooperativa em criação uma forma de F. ter uma oportunidade na qual não haja recusa e sua participação seja estimulada e seu papel como cooperativado expressivo para todos e, principalmente para ele mesmo?

Os problemas para dormir também são descritos, apesar de não haver uso do álcool ou outro artifício para ter um sono melhor.

Com referência aos trabalhos que terminaram, é comum a expressão: "fracassou, fechou". Esta parece ser a grande expectativa com relação à cooperativa como um trabalho estável ou uma estrutura mais segura.

Os problemas no sono são um ponto comum nas duas entrevistas. O termo "fracassou, fechou", coloca a questão: irá este novo projeto (da cooperativa) em frente ou estará condenado a fechar, como outras situações vividas?

Tanto para A. quanto para F., os ausentes são objeto da reflexão. Nas histórias relatadas, aparecem as explicações sobre o porque algumas pessoas participaram, mas deixaram de participar. As explicações carregam em si toda uma gama de alternativas e uma grande busca de explicações que, no plano subjetivo, representam o auto-questionamento sobre a continuidade da participação na cooperativa. A razão do afastamento destes colegas, é a razão do afastamento ou continuidade da presença no projeto da cooperativa.

Estes trechos dos depoimentos colocam a forte questão de que a realização da entrevista não deve ser unicamente dirigida por um roteiro rígido de perguntas, próxima de um questionário estruturado, nem no outro extremo, totalmente aberta, mas com um roteiro mínimo no qual o entrevistador dê liberdade de colocação ao entrevistado. Porém, ao contrário do que podemos pensar, apenas a predisposição pessoal e as bases da formação científica do pesquisador, necessariamente não serão garantia de uma boa entrevista. Deve o

pesquisador estar preparado para uma significativa vivência emocional, com base nos seus valores pessoais e a inserção na sua classe social, formação, meio de convivência e, principalmente, com relação ao contraste destes vários aspectos com os aspectos similares do entrevistado.

CONCLUSÃO

Como descreve Kosminsky (1999) sobre as questões metodológicas propostas por Pereira de Queiroz (1991), as dificuldades da coleta de histórias de vida e de depoimentos pessoais incluem as referentes ao preparo do pesquisador. Um dos aspectos que Pereira de Queiroz (1991) destaca é que o pesquisador esteja familiarizado com o problema a ser estudado. O pesquisador deve, segundo a autora, analisar sua atitude pessoal, através de um depoimento honesto, no qual busque alcançar por meio de um maior conhecimento de si mesmo, maior objetividade na pesquisa, bem como enriquecer a pesquisa com seu próprio depoimento. A reflexão do pesquisador sobre o fenômeno estudado e os procedimentos é valorizada, não se concentrando apenas em dados objetivos externos.

Diz Kosminsky (1999) que não podemos nos esquecer que o relato oral foi obtido por um pesquisador que ocupa uma determinada posição social e política e que, portanto, este relato insere-se em uma determinada circunstância histórica e social. Caso contrário, segundo autora, abstraem-se as relações sociais e a palavra passa a ser absoluta.

Comentando citações de Pereira de Queiroz (1991), referindo-se à transcrição de entrevistas, estas precisam ser analisadas de acordo com o problema e as hipóteses de trabalho. No recorte de temas identificados nas entrevistas, os resultados são comparados com as questões propostas no projeto, configurando uma síntese. Um conhecimento novo que forma uma globalidade.

No nosso caso, a presença destes múltiplos contrastes entre a postura, os depoimentos e expectativas dos pesquisados e a postura do pesquisador, além dos próprios contrastes entre os dois depoimentos comentados, representam um desafio de reflexão do grau de inserção do pesquisador e do grau de envolvimento dos pesquisados no material apresentado. Na busca do distanciamento de idealizações, nem um dos três lados (pesquisador, pesquisado e conclusões) deverá prevalecer e o resultado deverá ser uma síntese, uma nova percepção dos fatos estudados. Isso representa principalmente o novo para o pesquisador, os pesquisados e para a ciência social, na busca da objetividade tão perseguida, a partir de estratégias próximas de nós, como a reflexão e o questionamento de posturas.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, R., 1998. Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez.
- BRAVERMAN, H., 1980. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 2.ed.
- CASTEL, R., 1998. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes.
- HARVEY, D., 1992. A condição pós moderna. São Paulo: Loyola.
- KOSMINSKY, E. V., 1999. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora: Ensaio sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp-Fapesp.
- LIMA, J. C., 1996. Trabalho, mercado e formação de classe: estudo sobre operários fabris em Pernambuco. João Pessoa: Ed. UFPB.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I., 1987. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". *Cienc Cult*, 39(3):272-86.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I., 1953. Histórias de vida e depoimentos pessoais. *Sociologia*, 15(1): 8-24.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I., 1991. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz.

SATO, L., 1999. "Djunta-mon": o processo de construção de organizações cooperativas. *PsicolUSP* 10(2): 221-27.

SINGER, P., 1998. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto.